

## CAPÍTULO XLIX<sup>1</sup>

### A ponta do nariz

Nariz, consciência sem remorsos, tu me valeste muito na vida... Já meditaste alguma vez no destino do nariz, amado leitor? A explicação do doutor Pangloss é que o nariz foi criado para uso dos óculos, – e tal explicação confesso que até certo tempo me pareceu definitiva; mas veio um dia, em que, estando a ruminar esse e outros pontos obscuros de filosofia, atinei com a única, verdadeira e definitiva explicação.

Com efeito, bastou-me atentar no costume do faquir. Sabe o leitor que o faquir gasta longas horas a olhar para a ponta do nariz, com o fim único de ver a luz celeste. Quando ele finca os olhos na ponta do nariz, perde o sentimento das cousas externas, embeleza-se no invisível, apreende o impalpável, desvincula-se da terra, dissolve-se, eteriza-se. Essa sublimação do ser pela ponta do nariz é o fenômeno mais excelso do espírito,<sup>2</sup> e a faculdade de a obter não pertence ao faquir somente:<sup>3</sup> é universal. Cada homem tem necessidade e poder de contemplar o seu próprio nariz, para o fim de ver a luz celeste,<sup>4</sup> e tal contemplação, cujo efeito é a subordinação do universo a um nariz somente, constitui o equilíbrio das sociedades. Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o gênero humano não chegaria a durar dois séculos: extinguia-se com as primeiras tribos.

Ouçõ daqui uma objeção do leitor: – Como pode ser assim, diz ele, se nunca jamais ninguém não viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz?

Leitor obtuso, isso prova que nunca entraste no cérebro de um chapeleiro. Um chapeleiro passa por uma loja de chapéus; é a loja de um rival, que a abriu há dois anos; tinha então duas portas, hoje tem quatro; promete ter seis e oito. Nas vidraças ostentam-se os chapéus do rival; pelas portas entram os fregueses do rival; o chapeleiro<sup>5</sup> compara aquela loja com a sua, que é mais antiga e tem só duas portas, e aqueles<sup>6</sup> chapéus com os seus, menos buscados, ainda que de igual preço. Mortifica-se naturalmente; mas vai andando, concentrado, com os olhos para baixo ou para a frente, a indagar as causas da prosperidade do outro e do seu próprio atraso, quando ele chapeleiro é muito melhor chapeleiro do que o outro chapeleiro... Nesse instante é que os olhos se fixam na ponta do nariz.<sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> CAPÍTULO XLIX] CAPÍTULO L – em MPBC1-1880.

<sup>2</sup> espírito,] espírito; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>3</sup> somente:] somente; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>4</sup> celeste,] celeste; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>5</sup> o chapeleiro] e o chapeleiro – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

<sup>6</sup> aqueles] queles – em MPBC2-1881 (erro tipográfico).

<sup>7</sup> MPBCEC-1960 traz, sobre este parágrafo, a observação de que sua composição “é nova, para concentrar duas linhas, a fim de a matéria não ultrapassar para a página seguinte; e esta observação deve ser compreendida em função do fato de que B [edição de 1881] é a composição de A [edição de 1880], normalmente.”

A conclusão, portanto, é que há duas forças capitais: o amor, que multiplica a espécie, e o nariz, que a subordina ao indivíduo. Procriação, equilíbrio.